



FERNANDA SILVA LIMA PINHEIRO

**Letramento Acadêmico: um estudo sobre estudantes Haitianos
Inseridos no curso de pedagogia da Universidade Federal da
Fronteira Sul**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em
Letras Português e Espanhol- Licenciatura, UFES, Campus Chapecó, como
requisito parcial para aprovação no UOI Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Profa. Dra. Claudia Camila Lara

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
07/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Angela Derlise Stübe (UFES/Chapecó)

Prof. Dra. Aline Cassol Daga Cavallheiro (UFES/Chapecó)

Prof. Ms. Eiana Wandring Ruschelsky (IFSC/São Carlos)

Letramento Acadêmico: um estudo sobre estudantes Haitianos inseridos no curso de pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul¹

Fernanda Silva Lima Pinheiro²

nandapinheiro_1@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo investigar as práticas de leituras e de estudantes haitianos do curso de Graduação em Pedagogia, inseridos na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), tanto no contexto universitário, constituindo a esfera acadêmica, quanto fora dele. Segundo Kleiman (1995), o fenômeno do letramento implica diferentes níveis de leituras e de escritas que se refletem no processo de produção de um texto. Para tanto, as condições de domínio das práticas sociais advindas da leitura e da escrita estão associadas aos níveis de comportamento social, cognitivo e linguístico. Neste sentido, o projeto compreende duas questões centrais como objeto de estudo e centram-se em 1) quais são as vivências de leitura dos sujeitos da pesquisa? e 2) como se tornaram leitores e quais leituras foram fundamentais para a formação de leitor fora da Universidade e na Universidade, até o momento? Desta forma, o artigo orienta-se pelo aporte teórico-metodológico de autores como Cerutti-Rizzatti (2009); Daga (2016); Kleiman (1995; 1996; 1999); Rojo (2003; 2009); Soares (1998) e Zavala (2010) e em estudos referentes ao letramento acadêmico e formação de leitores, por meio de práticas de leitura. Para responder às questões centrais que se propõe, foi elaborado um questionário a ser aplicado com alunos haitianos da UFFS a partir do método de entrevista. Posteriormente, serão analisados os dados obtidos e comparados aos estudos já desenvolvidos dos autores mencionados. Com esta pesquisa, espera-se desenvolver um estudo de relevância para a Universidade, por buscar a compreensão do processo de formação em diferentes aspectos desses indivíduos que acessam a instituição por meio de políticas públicas, aqui tratando-se mais especificamente do Programa de Acesso à Educação Superior para Estudantes Haitianos (PROHAITI). Do mesmo modo, entende-se que para além do ingresso no ensino superior, se faz necessária uma observação real de caso, na busca pelo entendimento desse movimento, bem como das questões centrais relativas a essa construção do sujeito-leitor refletidas no contexto acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento acadêmico; Formação de Leitores; Práticas de Leitura.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar as práticas de letramento de estudantes haitianos matriculados no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó, ingressantes na instituição de ensino através do Programa de Acesso à Educação Superior para

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Camila Lara.

² Acadêmica da 9^a fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

Estudantes Haitianos (PROHAITI)³, tanto no ambiente acadêmico quanto nas esferas que lhes são externas⁴.

O fenômeno de letramento implica diferentes níveis de leituras e de escritas que se refletem no processo de produção de um texto (Kleiman, 1995). Esse movimento envolve as condições de domínio de práticas sociais possíveis, que se relaciona com experiências de leitura e escrita ligadas aos comportamentos sociais, cognitivos e linguísticos. Assim, a pesquisa parte de questões centrais voltadas às vivências de leitura dos sujeitos, bem como compreender a construção leitora desse perfil e os percursos fundamentais de leituras que levaram a essa formação, uma vez que esses conhecimentos externos ao ambiente universitário, também acabam por contribuir na formação desses indivíduos, que antes de educandos integram todo um corpo social. De igual modo, busca-se apresentar e descrever as práticas leitoras de estudantes haitianos no curso já especificado da instituição de ensino superior, analisar os dados obtidos através de um questionário por meio de consentimento dos entrevistados e a comparação desse mesmo material a produções voltadas ao mesmo fenômeno em estudos já desenvolvidos.

Os movimentos migratórios que transcorrem no mundo evidenciam novos fenômenos consoantes à dinâmica de globalização e apresentam especificidades ainda pouco compreendidas nos diferentes espaços de ocorrência. Em relação a esse fenômeno, o Brasil, desde o ano de 2010, tem apresentado uma nova configuração populacional com a chegada de outros povos, e dentre eles os imigrantes haitianos. A vinda destes imigrados foi motivada, inicialmente, por um desastre natural que assolou o país na mesma época. Segundo Handerson (2015), em 2013, aproximadamente 65 mil haitianos migraram para o Brasil.

Neste mesmo período, a região oeste de Santa Catarina intensifica o processo de deslocamento dessa população, instigada pela necessidade de mão de obra em diferentes esferas. Sobretudo, o setor secundário da economia que compreende a presença dos frigoríficos nesse território, oferece vagas de emprego e absorve a mão de obra migratória. Buscando contribuir para o processo de acolhimento desses indivíduos, a UFFS, *campus* Chapecó, adere ao Programa de Acesso à Educação Superior para Estudantes Haitianos (PROHAITI), a partir do ano de 2014, possibilitando o ingresso

³ https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/assessoria_para_assuntos_internacionais/prohaiti

⁴ Projeto submetido e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa institucional

desses cidadãos à instituição e a inserção da comunidade estudada marca uma posição política notória institucional junto a embaixada haitiana situada no país, impulsionada pela demanda .

Partindo deste panorama, a presente pesquisa visa contribuir para o entendimento do processo de formação dos novos perfis presentes na instituição através de políticas públicas, tomando como estudo as questões que concernem o letramento acadêmico, bem como da investigação das demandas para assimilar os pontos relativos a permanência desses estudantes no ambiente universitário, dado que se torna necessário o entendimento do sujeito enquanto ser social, uma vez que essas problemáticas partirão de um conjunto de fatores que circundam esses sujeitos, que derivam desde a construção subjetiva a questões externas relativas ao espaço em que os mesmos se situam, além da contribuição do estudo enquanto relevante na conjuntura e momento político atual.

Para tanto, a realização deste trabalho objetiva investigar as vivências de leitura para essa formação do sujeito-leitor, auxiliando no reconhecimento do lugar do imigrante no contexto social regional, bem como propor a reflexão acerca dos preconceitos gerados nesse movimento, que abarcam temas identitários e históricos, de extrema relevância para a comparação de estudos já realizados dentro do campo científico. Ressalta-se, portanto, a importância da investigação das práticas de leituras de estudantes imigrados haitianos na UFFS, do curso de Graduação em Pedagogia, por ser um curso de licenciatura que aborda em suas fundamentações o processo estudado e apresentar um considerável número de discentes estrangeiros matriculados se comparado a outros da mesma instituição.

Por fim, as motivações que levaram a pensar a presente investigação partiram de experiências vivenciadas pela graduanda em um projeto de extensão do PET (Programa de Educação Tutorial) da UFFS – assessoria linguística e literária – em que se notou um afastamento das práticas sociais de alunos inscritos no curso de português como língua estrangeira das leituras trabalhadas dentro do contexto acadêmico. De igual modo, o movimento de ingresso de estudantes imigrantes no ensino superior no contexto do oeste do estado de Santa Catarina, se evidencia como um novo fenômeno de transfiguração das camadas sociais nesse acesso, desafiando a universidade a repensar suas práticas metodológicas a fim de promover a inclusão.

Destarte, o presente artigo organiza-se em cinco seções. Na primeira seção, tem-se a introdução do trabalho. Nesta, são apresentadas considerações acerca do fenômeno linguístico investigado, pontos históricos e situacionais relativos ao grupo analisado. Na

seção [2], apresentam-se os pressupostos teóricos que nortearam os estudos, a ilustrar Cerutti-Rizzatti (2009); Daga (2016); Kleiman (1995; 1996; 1999); Rojo (2003; 2009); Soares (1998) e Zavala (2010), dentre outras realizações científicas que trabalhem o letramento acadêmico e formação de leitores, por meio de práticas de leitura. Os procedimentos metodológicos estão expostos na seção [3]. As análises, apontamentos e discussões dos dados evidenciam-se na seção [4]. Para finalizar, são expressas, na seção [5], as considerações finais dessa pesquisa.

2 LETRAMENTO: COMPREENSÕES INICIAIS

O letramento, conforme Soares (1998: 72), se refere não somente a um conjunto de habilidades individuais, mas um conjunto das práticas sociais ligadas à leitura e escrita que os indivíduos se envolvem situados no contexto social.

Tais práticas incorporam-se às diferentes agências de letramento que dispõem as esferas sociais, que incluem a família, a igreja, a rua como local de trabalho, etc., contudo essas agências apresentam orientações de letramentos distintas da tomada como principal para a estruturação desse fenômeno, no papel da escola. Esta preocupa-se com práticas pontuais, isto é, a alfabetização, o processo de aquisição de múltiplos códigos (alfabéticos, numéricos), geralmente entendido nos moldes da competência individual, ou seja, não considerando o letramento como prática social (KLEIMAN, 1995: 20). Atentemos aos exemplos apresentados por Rojo (2009, p. 96) em sua obra intitulada “Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social”:

Nossa personagem, professora Dora, entra na sala de aula, faz a chamada e em seguida pede a Tadeu que abra o livro na página 27 e leia o texto em voz alta – *práticas de letramento* (KLEIMAN, 2009, p. 96)

[...] Suzana está sem dinheiro vivo na carteira e precisa comprar remédios. De duas uma: ou vai ao caixa automático e segue as instruções na tela, digitando códigos alfanuméricos para retirar dinheiro vivo, ou vai diretamente à farmácia e usa o cartão de crédito ou débito, também seguindo as instruções da tela no terminal e digitando códigos alfanuméricos, para realizar a compra sem precisar do dinheiro – *práticas de letramento* (KLEIMAN, 2009, p. 96)

Tomando como base os modelos explicitados, podemos nos questionar em relação a esse conceito que perpassa desde a leitura escolar em voz alta até o uso de meios eletrônicos e digitais. Nesse sentido:

O conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o ‘impacto social da escrita’ (Kleiman, 1989a) dos estudos sobre alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências *individuais* no uso e na prática da escrita (KLEIMAN, 1995: 15-16).

Entendemos comumente por alfabetismo o estado ou condição das pessoas que foram alfabetizadas, ou seja, que receberam instrução formal ou sabem ler e escrever. Isto significa designar o conjunto de competências, habilidades ou capacidades cercadas em atos de leitura ou escrita dos indivíduos, que compreende esse movimento enquanto conjunto que se diferencia de pessoa para pessoa, que pode ser medido e definido, a exemplo, por níveis de desenvolvimento de leitura e escrita.

Assim, é possível afirmar que práticas sociais de letramento, as quais nos utilizamos para que nossos níveis de alfabetismo sejam constituídos, ou ainda aqueles que concernem ao desenvolvimento de leitura ou escrita, também abarcam a práxis escolar, mas não somente. Os exemplos ilustrados previamente (Rojo, 2009) nos demonstram que as dimensões dessas aplicações, também compreendem esferas externas ao universo escolar, uma vez que um indivíduo pode não ser escolarizado e analfabeto, e ainda assim participar de práticas de letramento, se partirmos das dinâmicas sociais globais características do mundo moderno, sendo assim, letrado em certo grau. Torna-se um exercício recorrente às diferentes leituras para decodificação das informações que circundam os espaços, e por essa razão, atuamos com essas linguagens (alfabéticas e numéricas), seja em uma transação bancária, uma venda realizada por um vendedor ambulante na rua, ou ainda, a leitura de um texto em sala de aula.

À vista, a distinção dos conceitos de alfabetismo e letramento revela-se de modo que este busca recobrir os usos e práticas sociais da linguagem que abrangem a escrita em alguma medida, sejam eles valorizados ou não, numa perspectiva muito mais sociológica, antropológica e cultural, enquanto que aquele, se retém a um foco individual que considera capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) valorizadas de leitura e escrita, como o modelo escolar se fundamenta (ROJO, 2009).

Em uma contribuição que inaugurou os novos estudos de letramento (STREET, 1984) e divulgada no Brasil por Kleiman (1995), o autor propõe uma divisão entre dois enfoques distintos de letramento, os quais ele denomina enfoque *autônomo* e enfoque *ideológico*. O primeiro vendo o letramento em termos técnicos, tratando-o independente

do contexto social, uma variável autônoma. O segundo, abordando as práticas como indissolúvelmente ligadas a estruturas culturais, reconhecendo as variadas práticas associadas à leitura e escrita em diferentes contextos (STREET, 1993).

Nessa perspectiva adotada, os letramentos, para além das habilidades de ler e escrever, podem ser melhor compreendidos como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder” (KLEIMAN, 1995, p. 11)

Em suma, esse encadeamento das vivências dos indivíduos, constituindo de modo direto e significativo os níveis de aprendizados, ainda que não reconhecidos nos moldes ortodoxos educacionais, concebe o letramento relacionando esse exercício em consonância com diferentes aspectos culturais e sociais, que atravessam essa construção de saberes do sujeito.

Todavia, ressalta-se a dimensão em compreender os eventos e mecanismos desse fenômeno (WISNIEVSK, 2016), ao situá-lo enquanto prática social, relacionando dois processos

[...] o conceito de evento de letramento, proposto por Heath (2001 [1982]), e o conceito de práticas de letramento, desenvolvido por Street (1984). Para Soares (2003, p. 105), esses dois conceitos não podem ser dissociados, “[...] já que são faces de uma mesma realidade” (WISNIEVSK, 2016, p. 5)

A saber, o entendimento das práticas de letramento como instrumento de análise, viabiliza a interpretação do evento, para além de sua descrição (SOARES, 2003). Essas práticas então, apreendem valores que cada sujeito atribui a determinado evento de letramento, e desta forma, cabe perpassar as participações nesses movimentos para compreender esses preceitos em cada um, tratando de associá-los a uma perspectiva ampla que abarca questões sociais e culturais (STREET, 2003).

2.2 LETRAMENTO ACADÊMICO

Tomando o letramento como forma de se utilizar da linguagem, esta vem a se desenvolver a partir de atividades culturais, contribuindo para uma constituição identitária do indivíduo (GEE, 2004). Estando esse processo interligado às decorrências do contexto, o discurso acadêmico também se situa frente a esses aprendizados

O modelo sociocultural de Gee (1996) para abordar a linguagem mostra que o uso linguístico constitui só uma parte de algo mais amplo que ele chama de Discurso com D maiúscula – e que também envolve pensar, sentir, valorizar e atuar de uma forma determinada (ZAVALA, 2010, p. 72)

Por outras palavras, a formulação de letramento compreende saber falar e atuar em um Discurso. Para o autor o Discurso revela os modos de ser e estar no mundo; são formas de vida e por essa razão os Discursos são sempre socialmente situados, porque estão em todos os lugares e são produtos das histórias sociais⁵. E neste sentido o letramento acadêmico trata do falar e atuar em Discursos acadêmicos. Assim, torna-se inconcebível pensar o fenômeno como não estando vinculado à interação com outros membros do Discurso, até que as formas de atuação, valoração e sentimentos comuns a esse movimento.

O modelo de letramento escolar, como exposto anteriormente trata-se de uma prática social que teve sua legitimidade amparada por razões ideológicas que se enquadram em relações de poder. Isto significa que se pensamos os grupos minoritários presentes nessa realidade/dinâmica educativa, estes se encontram em situação de desvantagem tomando como base o modelo tradicional de ensino.

Quando pensamos a esfera acadêmica, temos que considerar esse movimento que é o foco da investigação, para além das técnicas, habilidades e gramática, demovendo as definições epistemológicas, identitárias e de poder (ZAVALA, 2010).

A epistemologia aponta que formas acadêmicas de conceber o mundo, diferem, ou apresentam conflitos em relação às formas de construção do conhecimento de algumas pessoas (Bougey, 2000). A filósofa Linda Alcoff (2016) critica a imposição de uma epistemologia universal que desconsidera outros saberes

É realístico acreditar que uma simples “epistemologia mestre” possa julgar todo tipo de conhecimento originado de diversas localizações culturais e sociais? [...] necessita de uma profunda reflexão sobre sua localização cultural e social (ALCOFF, 2016, p. 131)

Os estudos desencadeados a partir de experiências na academia peruana (ZAVALA, 2010), ilustram por meio de depoimentos de estudantes pertencentes a grupos minoritários, um certo afastamento do dizer, uma vez que as produções nessa

⁵ Discourses are ways of being ‘people like us’. They are ways of being in the world; they are forms of life; they are socially situated identities. They are thus, always and everywhere social and products of social histories (GEE, 2012, p.3).

esfera requerem sempre o amparo teórico e científico, que de certo modo validam uma ideia que a autora ou o autor desejam trabalhar. Ou seja, construir conhecimento com base em evidência apresentada por diferentes autores, ao mesmo tempo em que a autoria de quem elabora o texto aparece de modo impessoal (ZAVALA, 2010, p. 77). Em suma, as evidências que transcendem as fronteiras linguísticas, relacionando todo o exercício a uma série de questões relativas a construção do sujeito-autor.

O letramento acadêmico não é só uma técnica da qual as pessoas podem se apropriar por meio de recursos mecânicos, mas um fenômeno que está entrelaçado com aspectos epistemológicos, ou seja, com formas de construir conhecimento. As formas de escrita caminham juntas às formas de pensar e as operações cognitivas envolvidas são, por sua vez, inseparáveis da compreensão subjetiva e contextualizada que a pessoa faz do mundo (Zavala, 2010, p. 81).

No processo de socialização, as práticas orais e de escritas contribuem de modo significativo nesse processo de alcance do letramento. Assim, nesse movimento não somente habilidades são deslocadas, como valores, atitudes, motivações e perspectivas, apresentando complexidades maiores que as habilidades visadas pela escola.

O ato de leitura, a exemplo, é uma atividade fundamental para que o sujeito interaja nas diferentes esferas de atividade humana (DAGA, 2016). E frente a essa necessidade, concerne às instituições educacionais:

[...] garantir ao estudante o convívio constante e progressivo com textos e outros materiais cognitivos que ampliem seu universo de referências, propiciando-lhe familiaridade crescente com expressões culturais e científicas cada vez mais complexas (BRITTO, 1997, p. 23).

Deste modo, as discussões em torno do papel da educação superior e suas contribuições para a ordem do letramento, necessitam de uma reflexão em concomitância à perspectiva da constituição dos sujeitos incorporados às diversas esferas sociais, e nesta investigação tratamos especificamente da esfera acadêmica, enquanto instituição de ensino e promotora de saberes, situada em um jogo ideológico totalmente atravessada por interesses políticos em suas disparidades, que ordinariamente não vem considerando as multiplicidades e facetas que esse novo público, contemplado a partir do fortalecimento de diferentes políticas públicas, apresenta. São necessidades e valores presentes tanto no âmbito científico, quanto em qualquer outro que se dê em meio às dinâmicas sociais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CONFIGURAÇÃO DE DADOS

A presente pesquisa por abordar questões sociais, históricas e contextualizadas, buscando o máximo aproveitamento para desencadeamento das compreensões do estudo, caracteriza-se como qualitativa, uma vez que dentro do campo das ciências sociais, busca apreender fatos/realidades que não são entendidos quantitativamente (MINAYO, 1994), por outras palavras, sendo essa investigação realizada no campo das humanidades, exatidões quantificadas acabam por não abarcar a perspectiva adotada. As questões norteadoras da presente pesquisa (Anexo A) buscaram compreender as questões linguísticas às quais os informantes estão condicionados, bem como a relação com uma língua estrangeira e condições de interpretação em meio ao ambiente acadêmico.

As abordagens qualitativas, de vivências etnográficas (CERUTTI-RIZZATTI, 2009) objetivam, no campo dos estudos do letramento, o alcance dos resultados através das experiências vivenciadas relatadas. Deste modo, a geração de dados para os diagnósticos que se seguem, deu-se por meio de realização de entrevista, estruturada a partir de um roteiro com os questionamentos julgados relevantes para a busca. Em relação ao método adotado para a geração de dados [entrevista], refere-se ao encontro entre duas pessoas, com a finalidade de que uma delas obtenha informações acerca de determinado assunto; procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Desta maneira, o movimento parte do mapeamento dos perfis de estudantes por intermédio da secretaria acadêmica e secretaria de cursos da instituição, a fim de localizar aqueles que possuem matrícula ativa no curso investigado, contemplados pelo edital do PROHAITI, no *campus* Chapecó, independente do período, idade, classe ou gênero. Posteriormente, foi proposta a participação na pesquisa através de contato por e-mail, totalizando seis aceites de estudantes de 1^a, 2^a e 4^a fase, sendo duas mulheres e quatro homens. A participação formalizou-se por meio de explicitação das condições estabelecidas, liberdade de participação ante os preceitos éticos e assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido, assegurando o anonimato e confidencialidade no tratamento das informações concedidas pelos estudantes.

Assim, estando autorizadas, as gravações das entrevistas orais ocorreram no espaço da universidade, por tratar-se da esfera considerada na análise e de acesso comum a todos os participantes, na qual se dão as realizações de suas atividades acadêmicas. Seguido das realizações das entrevistas, os dados foram analisados e estruturados de acordo com os objetivos e indagações propostos frente ao estudo. As análises e comparações dos materiais obtidos por meio de tal procedimento sucede no exercício interpretativo subsequente.

4 ANÁLISE DE DADOS: UM OLHAR SOBRE ESTUDANTES HAITIANOS

Nesta seção, buscamos relacionar as questões no que se refere ao letramento e relatos decorrentes do procedimento realizado junto aos informantes. Para tanto, iniciamos o presente exame pela apresentação de dados dos informantes, identificados pela letra I seguido de um número, pensado pela ordem de entrevistas [ex: I1, I2...]. No Quadro 1, encontram-se os dados relativos a idade, gênero, fase do curso e tempo de moradia no Brasil:

Quadro 1: Perfil dos estudantes Haitianos entrevistados

Identificação	Gênero	Idade	Fase do curso	Tempo de residência no Brasil
I1	Masculino	29 anos	4ª fase	3 anos e 6 meses
I2	Feminino	28 anos	1ª fase	1 ano e 6 meses
I3	Feminino	28 anos	1ª fase	1 ano e 6 meses
I4	Masculino	25 anos	2ª fase	3 anos
I5	Masculino	26 anos	2ª fase	2 anos e 6 meses
I6	Masculino	27 anos	2ª fase	3 anos e 6 meses

Conforme o Quadro 1, foram realizadas entrevistas com seis estudantes haitianos do curso de pedagogia, de três fases diferentes, com mais um ano de residência no Brasil e todos ingressantes através de edital do PROHAITI. Nesse sentido, nos toca compreender as valorações e vivências apresentadas por esses indivíduos ao que diz respeito às práticas e eventos de letramento e demais depreendimentos,

perpassando a construção leitora, experiências decorrentes de situações cotidianas nas diferentes esferas sociais, às quais a acadêmica também se associa. Cabe ressaltar que, de acordo com as listagens de matrículas ativas na instituição no curso que serviu de base para a presente pesquisa, totalizando onze matrículas, a receptividade para com o estudo foi significativa, visto que seis estudantes compuseram a investigação, sendo quatro homens e duas mulheres. Os recortes das entrevistas realizadas oralmente não apresentam características próprias da fala, pois acrescentamos pontuação e não apresentamos as variáveis de pausas, assim, as falas se encontram numeradas de modo a manter uma sequência de recortes para melhor organização dentro da escrita.

À vista, quando questionados sobre a formação leitora, os entrevistados relataram a complexidade enquanto construção nesse percurso, frente a realidade linguística do Haiti, conforme exposto:

(1) [...]lá no meu país, Haiti, eu tive dificuldades com a leitura pela língua francesa. Eu não conseguia entender e, por isso, não gosto de ler. (I1, 2018); (2) [No Haiti] a escola quer exigir que os alunos falem francês [...] porque se em casa as pessoas falam Crioulo, você pode esquecer o francês (I4, 2018);

Em relação as experiências levantadas pelos estudantes, podemos inferir acerca do reflexo da colonização francesa sobre o país, que tem na língua um de seus traços mais contundentes. A fala traz dentre outras questões a existência para o outro, assumir uma cultura traz consigo o peso de uma civilização (FANON, 2008, p. 33). Segundo o teórico sob a perspectiva decolonial:

todo povo colonizado [...] do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana (p. 34)

Ainda sob a interpretação das políticas linguísticas, o francês historicamente aparece enquanto impulsionada pela defesa de *status* internacional de língua (CALVET, 2007, p. 193). Tratam-se então de processos históricos reflexos na maneira em como o indivíduo concebe o processo cognitivo e linguístico como ilustra a passagem (3) [...] *quase todo livro está em francês ... é difícil* (I5, 2018).

Em pesquisa realizada recentemente com imigrantes Haitianos no Oeste Catarinense (STAUDT, 2018) ressalta por meio de relatos o retrato da educação haitiana ser composta por cerca 83% de instituições privadas, modelo que prioriza o

ensino da língua europeia. (4) *é um processo que fica um pouco difícil, porque na escola você escreve e fala em francês, mas pensa em Crioulo. Pra pessoa que não vai pra escola, fica difícil [...] pra quem mora no campo é difícil* (I5, 2018). Ou seja, no cenário educacional há disparidade no que tange o ensino das duas línguas sendo (5) *uma acadêmica, e outra, do povo* (I5, 2018). Neste sentido, cabe acentuar a questão identitária que incube a língua crioula, pois assumiu papel fundamental no momento de organização e revolução negra no país [1791-1804] (STAUDT, 2018, p. 86), sendo símbolo de resistência. Assim, faz-se necessário este recorte enquanto reconhecimento das questões de opressão que atuam diretamente sobre a construção leitora dessas pessoas, traços estes que as constituem.

O grupo pesquisado apresenta, dentre uma série de aspectos, um que trata a particularidade da experiência com a aprendizagem de língua estrangeira, tendo em vista que o presente exame se volta a um público específico, composto por cidadãos imigrantes. Sobre as considerações apontadas tratando dessa inserção em um contexto sociocultural dominado pela língua portuguesa, os estudantes destacam (6) *O português é uma barreira pra mim, eu gosto de falar e conversar, mas até hoje eu não consegui conversar* (I1, 2018); (7) *Falar é muito difícil [português]* (I2, 2018); (8) *Consigo escrever, mas ler é mais difícil* (I3, 2018). Esses recortes ilustram a dificuldade apresentada por esses estudantes, pois todos os informantes alegaram não vivenciar o português antes da chegada ao Brasil, impulsionada por questões sociais extremamente complexas, e a língua se apresenta como sendo uma das maiores barreiras para adaptação nesse contexto, ainda que tenham fixado residência no país há mais de um ano.

No entanto, essas mesmas pessoas apresentaram formas outras de inserção linguística, apontadas como alternativas para a aquisição do português como língua estrangeira, para que essas barreiras venham a ser superadas a base de uma busca autônoma, mas contextualmente situada. Neste sentido Larsen-Freeman (1997) define esses sistemas de aquisição como sendo complexos, dinâmicos e não lineares. Isto significa pontuar que são imprevisíveis e sensíveis em condições iniciais, ou ainda, auto-organizáveis e adaptativos. A visão vygotskiana entende a cognição e o processo mental sendo um reflexo emergente da interação social e como esse mesmo movimento afeta os processos sociais em que acontecem, ou seja, uma dupla-interação. (9) *As vezes alguns professores trabalham assuntos que eu não entendo, então eu chego em casa e assisto vídeos pra isso* (I1, 2018); (10) *Eu assisto filmes em português, ouço música em*

português, tudo em português (I2; I3, 2018). Ao teorizar sobre a aquisição de uma língua estrangeira (PAIVA, 2014) ressalta:

[...] é essencial que o aprendiz seja exposto ao idioma e tenha contato com diversos registros orais e escritos [...] o desenvolvimento se dá pela interação com outras pessoas (conversas, aulas e outras práticas sociais ou pelo uso de artefatos culturais (livros, vídeos, internet, etc) (PAIVA, 2014, p. 149)

À vista, mesmo com uma série de variáveis no que toca a esse alcance, a interlíngua muda de fase e esse sistema, por ser aberto, se adapta e auto-organiza. Esses estudantes por meio dos artefatos culturais apontados pela autora, desenvolvem uma autonomia movida pela necessidade de domínio linguístico e processo de assimilação, que perpassa questões mentais. Assim, colocam-se em abertura ao constante movimento de *input*, uma vez que o espaço sociocultural os desafia a traçarem estratégias próprias para esse aprendizado. Isto se evidencia na fala de um dos informantes com maior tempo de residência no Brasil: (11) *Podemos demorar pra encontrar o melhor vocabulário, mas conseguimos assimilar [...]eu tento sempre escrever na língua direta, para poder errar e alterar* (I4, 2018). O estudante ainda enfatiza que os materiais de leitura estando em língua portuguesa, mesmo dentro de um curso superior, o ajuda a formular novas expressões e o auxilia na ampliação do léxico de palavras, o que sob o seu ponto de vista, acaba por ser positivo. Em recortes realizados nas entrevistas, notou-se que esses alunos se recusam a assumirem certa posição de conforto em relação a esse processo. Para esse grupo, se faz necessário esse exercício para que o domínio do português se desenvolva de forma progressiva nos diferentes ambientes que circundam, nas diversas atividades cotidianas e múltiplas esferas sociais.

Na busca pela compreensão deste perfil imigrante que se expressa como uma forte presença na Universidade Federal da Fronteira Sul, perpassando pelas problemáticas linguísticas que circundam as questões de identidade e reconhecimento frente a um contexto e espaço específicos, adentremos nessas relações que se estabelecem na esfera acadêmica, a fim de considerar o quadro apresentado ao que concerne as práticas de letramento a estudos realizados pelo mesmo viés científico.

A experiência retratada na academia Peruana (ZAVALA, 2010) demonstra a problemática do ambiente institucional superior em acolher e considerar grupos minoritários e/ou pertencentes a culturas apontadas como marginais, impulsionada por uma visão etnocêntrica acadêmica, ao não reconhecer suas práticas, experiências e contribuições. A autora ainda reflete que frente a essa chamada massificação do acesso

ao ensino superior por grupos de contextos minoritários, não há garantias de que estes indivíduos tenham preparação para responder ao nível de letramento que essas instituições exigem, bem como a familiarização com os gêneros trabalhados (p. 72). Deste modo, com a democratização do ensino no Brasil, ainda que mínima, se assemelham as necessidades em se pensar essas especificidades em conformidade com as realidades que passam a ocupar essa esfera que historicamente simboliza o poder de determinados grupos em detrimento a outros.

Em vista disso, os novos estudos do letramento propõem à academia adotar uma perspectiva interdisciplinar que venha de encontro a esses perfis, considerando aspectos de leitura e escrita como simbólicos e enraizados em práticas e valores sociais (Gee, 1996). Frente aos embates epistemológicos, identitários e poderís que a pesquisadora peruana trabalha, as aproximações aos estudantes haitianos inseridos na instituição Catarinense tornam-se notáveis, quando os informantes sinalizam:

(12) Eu sou acostumado a falar em sala de aula, mas eu reflito muito antes de falar, para não causar problema. Porque dentro da universidade, você não pode falar qualquer coisa (I4, 2018)

(13) Eu nunca fiz perguntas [em sala de aula], mas eu sempre tenho pra dizer, eu sempre tenho pra discutir (I1, 2018)

(14) A universidade tem me ajudado na produção de textos... mais ou menos (I3, 2018)

Esse silenciamento dos estudantes no ambiente acadêmico demonstra o afastamento do fazer científico como uma possibilidade de relação com experiências próprias. O conceito [letramento] também envolve o como falar e atuar em um Discurso acadêmico (GEE, 1996), discurso este sendo produto de atravessamentos ideológicos, para além da relação que se assemelha a um auto-policiamento frente as atitudes enquanto estudante de ensino superior.

Ainda tomando como base o recorte anterior ao tratar dos gêneros textuais trabalhados dentro da esfera acadêmica e ainda que o indivíduo ressalte sua autonomia na busca pelo (re)conhecimento dos gêneros (15) *Se eu não conheço o gênero [textual], a minha ferramenta é procurar. Não posso falar de um assunto se eu não tenho conhecimento* (I4, 2018); é papel das instituições educacionais oferecer materiais que garantam a vivência constante e progressivo com os textos, como apontamos no capítulo anterior.

Sendo essa a atribuição, buscando inserir e propiciar ao leitor o contato com esses materiais escritos em interações culturais que permitem a ampliação das práticas de letramento do sujeito, de repertório cultural, tonando possível uma ampliação em vivências e relações com os textos em diferentes *gêneros do discurso* “características do grupo sociocultural e econômico ao qual o aluno pertence” (DAGA, 2016). A autora ainda comenta com base em Ponzio (2002) a dimensão da leitura enquanto interação, no *encontro* do texto, para que assim seja possível tecer os sentidos que dele dependem. Movimento este que não foi notado na fala de nenhum informante, frente ao processo mental linguístico diferenciado em relação ao idioma, como tratado anteriormente. A tradução literal, por vezes, mostra-se como uma medida urgente para que o estudante estrangeiro busque lidar com as dificuldades apresentadas pela escrita acadêmica, processo que não se mostra de todo eficaz por não associar as extensões interacionais (PAIVA, 2014). Contudo, se a universidade não se volta às especificidades desses estudantes, os mesmos acabam por desenvolver estratégias de leitura e escrita como um exercício contínuo na persistência pela permanência nesse contexto.

Assim, de modo a ilustrar tais métodos para esse desencadeamento, cabe apresentar alguns desses mecanismos presentes nos relatos dos acadêmicos que compõem o corpo dessa pesquisa, compreendendo um duplo movimento de práticas de letramento na instituição:

(16) As vezes alguns professores trabalham assuntos que eu não entendo, então eu chego em casa e assisto vídeos pra isso [...] aprendo novos vocabulários com os vídeos, é mais fácil escrever do que falar, eu uso essas palavras com meus amigos (I1, 2018)

Os recursos tecnológicos, de modo geral têm uma importância notória nessas práticas realizadas pelos entrevistados, uma vez que partem destes meios o acesso a um conhecimento específico, viabilizando a leitura e escrita. (17) [...] *assisto filmes pra poder ouvir e falar melhor o português* (I5, 2018).

Torna-se interessante compreender os posicionamentos tomados pelos diferentes indivíduos em relação à forma como se estabelece a linguagem e a interação nos diferentes contextos. Na última entrevista realizada, um educando apresentou um relato que muito nos atenta frente ao trabalho com a língua e como esta se desenvolve nas diferentes esferas sociais.

(18) Fora da universidade eu gosto mais de escutar a língua, porque é mais fácil pra compreender a língua. Porque quando a gente lê, se leio 10 páginas, só 4 fica na mente, mas 4 horas de escuta vale mais [...] eu escuto no fone sobre os assuntos, minha mente salva mais, vídeos sobre os assuntos (I6, 2018)

Ou seja, retomando Zavala (2010) a aquisição dos letramentos não é mecânica e técnica e vem a ocorrer de forma situada, posição esta que vem contribuindo para as realizações na área. O recorte ainda nos chama atenção para a quebra em relação a perspectiva normativa da língua, quando o relato afirma por meio de sua experimentação as contribuições interacionais em que os chamados eventos de letramento se dão. Em recente pesquisa tratando sobre norma linguística, preconceito e imigração no Brasil (Bueno, 2018) pontua com base em Haugen que “escolher qualquer vernáculo como norma significa favorecer o grupo de pessoas que falam esta variedade” (2000, p.112), e este ponto relaciona-se também ao receio do aqui retratado estudante imigrante em adotar a linguagem informal no ambiente de ensino superior. E ainda a constatação de que:

(19) Os conceitos que têm aqui na universidade são diferentes dos que tem lá fora, a forma de falar também é diferente, não é sempre que eu entendo. Lá fora tem gírias, cada um fala de um jeito” (I1, 2018)

(20) [...] pra mim tem os dois tipos de linguagem, forma e informal. A informal a gente fala sem tomar cuidado, mas muitas vezes, eu que não sou filho dessa terra, ao ouvir uma expressão não vou conseguir entender (I5, 2018),

Ambas apontam para à dimensões de imersão da (lin)guagem. As dimensões políticas e éticas no processo de letramento por meio da escrita, acabam por compor a construção de uma identidade (Wilson, 2015). Perpassando sobre esses meios, o papel da autoria mostra-se como uma barreira a grupos minoritários e distantes desse discurso-prático acadêmico, e nesta questão, o relato da estudante peruana apontado na pesquisa sobre letramento e poder no ensino superior, aproxima-se com as experiências trazidas por estudantes haitianos matriculados no curso de pedagogia da UFFS. Ao comentar sobre o afastamento na escrita do texto a estudante peruana traz:

[...] da outra maneira, mais acadêmica, aí é anônimo aí eu não posso descobrir quem escreve, em que pessoa está, quem é o que aparece, e nunca somos nós. Quem está dizendo isso? (ZAVALA, 2010, p. 78)

Trazendo em comparação aos relatos apresentados por um discente da instituição em foco:

(21) Você não pode dar a sua opinião e escrever “eu” no texto [...] Você pode falar sobre o assunto, mas tem que justificar o conceito [...] pra escrever um texto, é sempre na terceira pessoa. Muitas vezes parece um pouco difícil (I5, 2018)

Ao discorrer sobre o caráter epistemológico adotado pelo discurso do ensino superior, a teórica traz a concepção de Boughey (2000) que evidencia que produzir um texto acadêmico é um exercício que se assemelha a um canto acompanhado por um coro atrás, isto é, o seu produzir terá de sempre se ancorar em uma outra voz para validar o que se objetiva dizer. E esta visão relaciona-se, como bem pontua a autora, ao modelo epistêmico e colonial em que o conhecimento parte da observação que não pode ser observado (p. 79). “O conhecimento de [...] um tipo de racionalidade no contexto acadêmico é e está presente nos estilos dos gêneros (Wilson, 2015, p. 591).

Desta forma, as práticas diversas de letramento são expostas nos percursos das falas dos estudantes nesta pesquisa em diferentes esferas para além das já trabalhadas: (22) *Gosto de ler jornal e a bíblia* (I1, 2018); (23) *todos os livros que tenho em casa estão em português [...] o contato com materiais em português me ajuda na universidade* (I2; 2018); ou seja, a questão religiosa acaba por agregar, para além da realização de leitura em demais gêneros discursivos, estando o movimento de letramento interligado a formas de sentir e valorar a si mesmo, percorridas anteriormente.

Para além, é perceptível uma consciência deste processo quando passagens pontuais apresentam esse entendimento do que seja letramento através de suas práticas, quando pontuam (24) *existem várias formas de se fazer leitura, não só quando eu estou com um livro. Eu gosto muito de assistir vídeos e é uma maneira de ler também, vejo em português para aperfeiçoar a língua* (I1, 2018); (25) *quando você é universitário, você tá em contato com todas as coisas... com o conhecimento, leitura pra mim é isso... ver um cartaz, você lê e aprende uma outra coisa, ajuda* (I4, 2018); Street (2010, p. 52) elucidada acerca do uso de perspectivas etnográficas que se baseiam em teorias do letramento de tipos sociais que observam a educação mais de perto, não somente como ensino, mas como aprendizagem.

Em conformidade com as teorias relacionadas a questão de poder no ambiente acadêmico, construído historicamente nos preceitos ideológicos, e essas contrafaces de

uma pedagogia dominante necessitam ser trabalhadas eticamente (Wilsom, 2015). E neste viés, a constatação dessa legitimação institucional ao favorecer determinados grupos e saberes e a necessidade que se apresenta de pensarmos sob a perspectiva da alteridade, nos constituindo na relação para/com o outro.

(26) [...] se o professor fala de cultura, por exemplo, eu não vivo a mesma cultura do Brasil. Quando me perguntam sobre o Haiti, diferenciam diretamente. As questões sobre escravos, colonização... é diferente, nós vivemos outros processos (I4, 2018)

A dimensão ética do fenômeno aqui estudado e trabalhada anteriormente aponta para um dado compromisso social e consciente dessa língua como forma de integração e inclusão do – outro. (27) *Quando me perguntam sobre a minha cultura na sala, isso me inclui na aula também. Nós aproveitamos muito disso* (I4, 2018). Ou seja, a partir desse abraçamento do indivíduo enquanto ser cultural e social, ocorre uma afirmação ligada a identidade do mesmo, um reconhecer a si mesmo no processo. Giddens (2002, p. 40) apelar para a memória, para a história de vida funciona como uma espécie de “casulo protetor”. Ainda que ocorra um movimento coexistente de negação: (28) *Quando o professor dá o exemplo dos EUA, Alemanha, Portugal ... eu sou um haitiano que tá na sala, se não falam do Haiti, não me incluem* (I4, 2018). Ao que se versa

Os confrontos no campo do conhecimento, dos valores e saberes, das culturas e identidades, das cosmovisões e dos modos de pensar fazem parte da formação de nossas sociedades. Perduram como um campo de tensões políticas na diversidade de fronteiras, ações coletivas e movimentos sociais. Tensões que se perpetuam como uma constante histórica e política, porque o padrão de poder foi e continua associado a um padrão de saber, de conhecimento, associado a um padrão de classificação de culturas, dos saberes das racionalidades (QUIJANO, 2005, apud ARROYO, 2012, p.44).

Deste modo, evidencia-se por meio das narrativas o testemunho de desigualdades sociais e uma manutenção sistêmica de exclusão a bens culturais e simbólicos. Os estudos voltados ao letramento têm suscitado importante debate nessa configuração e valoração de saberes subjetivos. SOUZA (2011) tem se voltado aos chamados letramentos de (re)existência partindo da perspectiva de Hall (2003) em que afirma que os contornos culturais requerem compreendê-los enquanto lutas, campo de ações, que no processo histórico, assume diferentes formas. Experiências trabalhadas dentro do contexto acadêmico brasileiro (WILSON, 2017; FRAGA, PEREIRA,

ANASTÁCIO, 2018) ilustram que se faz necessário entender a leitura e escrita em consonância com as diferentes vivências, e delas, suas contribuições. A última tratando da questão indígena indica ainda, que o ensino superior deve ser compreendido para além do acesso, buscando uma afirmação dentro deste espaço.

De modo geral, a presente pesquisa buscou compreender as práticas de leitura e letramento de estudantes haitianos inseridos no curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul. Este espaço possibilita uma perspectiva outra a esses cidadãos, uma vez que motivados pela busca de melhores condições de vida no Brasil, ou ainda, um vínculo empregatício dado o contexto no qual situa-se a instituição, com forte presença das agroindústrias que hoje contam com significativa mão de obra imigrante, a qual abrange a população haitiana. Contudo, ao analisar os dados, constatamos que o ambiente acadêmico considera sutilmente a presença desse perfil e acaba por não atingir as especificidades necessárias em relação a leitura característica dessa esfera, apresentando projetos como soluções paliativas, mas sem uma reflexão afundo sobre os modos de ser e estar nesse ambiente, contribuindo para a perpetuação de um discurso hegemônico. Em nossa percepção são então apresentadas novas práticas como estratégias de leitura e experiências nesse contexto pelos discentes, visando inserção e permanência nesse lugar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho, buscamos investigar as práticas de leitura dos estudantes imigrantes matriculados no curso de pedagogia da UFFS, *campus* Chapecó, tanto na esfera acadêmica, quanto fora dela objetivando compreender as vivências para a formação leitora. O interesse em se trabalhar a temática parte da necessidade de nos voltarmos ao contexto da universidade e pensar os indivíduos que ali circundam e vivenciam. Os movimentos migratórios contemporâneos nos atentam ao olhar social e político a esses processos, contribuindo para uma formação humana e constitutiva. O Brasil atualmente apresenta um importante enfoque nessa problemática, considerando os fluxos migratórios de países vizinhos, a exemplo da Venezuela, que tem suscitado discussões sobre esse direito humano de migrar. A partir do ano de 2012 houve configuração semelhante em relação aos imigrantes haitianos, e políticas de acesso ao ensino têm se mostrado como importante forma de acolhimento a longo prazo desses povos. O papel intelectual e da produção científica deve voltar-se à reflexão dos

fenômenos sociais como tentativa de compreensão e superação de toda e qualquer forma de desigualdade.

Por esta razão, traçamos o percurso de análise partindo das características e marcas linguísticas específicas reveladas pelos participantes da pesquisa, sucessões que ilustram processos históricos marcados pelo processo de colonização, exercendo forte influência nos comportamentos sociais e de interação com a língua(gem), perpassando a formação leitora desses indivíduos. Por conseguinte, as narrativas em uma dupla movimentação relacionaram-se aos fundamentos teóricos norteadores da investigação, adentrando características específicas ao contexto examinado. Discutiram-se então questões ideológicas, relacionando saber e poder, sentimentos de pertencimento/afastamento e andamentos na construção de identidade.

A legitimação de um tipo de saber não exclui um conjunto de saberes advindos de experiências cotidianas em diferentes esferas da atividade humana. Essas experimentações, em contraponto, auxiliam na compreensão que a pessoa faz do mundo e si mesma. Deste modo, estratégias para apropriação dessa postura acadêmica foram desenvolvidas afim de auxiliar e ampliar a vivência universitária. Ou seja, processo de aprendizagem e adequação às convenções. Os gêneros discursivos se apresentam como não sendo estáticos, sendo parte de uma dinâmica de aquisição, e cada estudante responde esse alcance à sua maneira.

Assim, a instituição acaba por não considerar esses processos de maneira ampla, uma vez que se faz necessária uma relação entre processos sociais como habilidades, técnicas, normas e hábitos, perspectiva etnográfica e o discurso acadêmico. Mas, uma vez que as dinâmicas apresentam contradições, a questão estará posta. Em suma, o estudo não busca explicar o fenômeno como um todo, bastante complexo, mas possibilitar algumas compreensões a partir das experiências relatadas. Deste modo, esperamos ter contribuído para o olhar adentro da universidade e sua diversidade, tratando sobretudo da questão leitora e letrada

REFERÊNCIAS

- ANASTACIO, J.; PEREIRA, R.; FRAGA, L. (2018) Reexistência indígena na Universidade Estadual de Ponta Grossa: para além do acesso ao ensino superior. In: Souza, A. L.; Silva, I. J.; Muniz, K. Letramentos de reexistência - um conceito em movimentos negros. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 10, p. 01-11.
- ARROYO, M. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. RJ, Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOUGHEY, C. (2000). Multiple Metaphors in na Understanding of Academic Literacy. *Teachers and Teaching: Theory and Practice*, 6 (3), p. 279-290.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. *Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.
- BUENO, Alexandre Marcelo. Norma linguística, preconceito e imigração no Brasil. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.21, n.1, p. 427-447, jan./jun. 2018.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.
- DAGA, A. C. Ampliação de vivências com o ato de ler na educação escolar em linguagem: uma discussão sobre a intersubjetividade e a formação de leitores. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 13, n. 4, p. 1616-1631, out./dez. 2016.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GEE, J. P. *Social linguistics and literacies: ideology in discourses*. Bristol: The Falmer Press, 1994 [1990].
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- HANDERSON, Joseph. Diaspora. *As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. 2015. 430 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015
- KLEIMAN, A. *Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARINHO, M. *A escrita nas práticas de letramento acadêmico*. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v.10, n.2, p.363-386, 2010.

MINAYO, Marília Cecília de Souza. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Aquisição de segunda língua*. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STAUDT, Taise. *Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil*, Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó-SC, 2018.

STREET, Brian. *Abordagens Alternativas ao Letramento e Desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

WILSON, Victoria. *Letramentos acadêmicos e diferentes racionalidades*. Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN, 2017.

WISNIEVSKI, Cristiane. *Um olhar para dentro da universidade: práticas de letramento de funcionárias do serviço terceirizado no contexto da Universidade Federal da Fronteira Sul*, Campus Realeza-PR, 2016.

ZAVALA, V.; CORDOVA, G. *Decir y calar: lenguaje, equidad y poder en la Universidad peruana*. 1 ed. Lima: Feditor, 2010.

RESUMEN: Este artículo tiene por objetivo investigar las prácticas de lecturas de estudiantes haitianos de la carrera en pedagogía, insertos en la Universidad Federal de la Frontera Sur (UFFS), tanto en el contexto de la universidad, constituyendo la esfera académica, cuanto fuera de él. Según Kleiman (1995), el fenómeno del letramiento implica diferentes niveles de lecturas y de escritas que reflejan en el proceso de producción de un texto. Por tanto, las condiciones del dominio de las prácticas advindas de la lectura y escrita están asociadas a los niveles de comportamiento social, cognitivo y lingüístico. En ese sentido, el proyecto comprende dos cuestiones centrales como objeto de estudio 1) cuáles son las vivencias de lectura de los sujetos de la pesquisa? y 2) como se tornaron lectores y cuáles lecturas fueron fundamentales para la formación de lector fuera de la Universidad y en la Universidad, hasta ahora? De esta forma, el proyecto se orienta por el aporte teórico-metodológico de autores como Cerutti-Rizzatti (2009); Daga (2016); Kleiman (1995; 1996; 1999); Rojo (2003; 2009); (1998) y Zavala (2010) y en estudios referentes al literal académico y formación de lectores, por medio de prácticas de lectura. Para responder a las cuestiones centrales que se propone, fue elaborado un cuestionario a ser aplicado con alumnos haitianos de la UFFS por medio del método entrevista. Posteriormente, se analizarán los datos obtenidos y comparados a los estudios ya desarrollados de los autores mencionados. Con esta investigación, se espera desarrollar un estudio de relevancia para la Universidad, por buscar la comprensión del proceso de formación en diferentes aspectos de esos individuos que acceden a la institución por medio de políticas públicas, aquí tratándose más específicamente del Programa de Acceso a la Educación Superior para Estudiantes Haitianos (PROHAITI). De igual modo, se entiende que además del ingreso en la enseñanza superior, se hace necesaria una observación real de caso, en la búsqueda del entendimiento de ese movimiento, así como de las cuestiones centrales relativas a esa construcción del sujeto lector reflejadas en el contexto académico.

PALABRAS CLAVE: Lector académico; Formación de lectores; Prácticas de lectura.

ANEXO A – ROTEIRA DA ENTREVISTA

- 1) Quais são suas práticas fora do contexto da universidade?
- 2) Nessas práticas, são notáveis aspectos culturais vivenciados por você no Haiti?
- 3) Dentro dessa esfera acadêmica, o que você pensa sobre a universidade considerar essas vivências?
- 4) Essas experiências agregam às leituras acadêmicas?
- 5) Você gostaria de expor algum ponto em relação em ensino direcionado a acadêmicos Haitianos?